



## DESENHO COMO CHAVE DE IGNIÇÃO CULTURAL? ENSINAR, FAZER E INVENTAR NA AMAZÔNIA

*DRAWING AS A KEY TO CULTURAL IGNITION:  
TEACHING, MAKING AND INVENTING IN THE AMAZON*

Ronne Franklim Dias  
UFG, Brasil  
ronnefranklim@gmail.com

### Resumo

As reflexões que proponho com este ensaio sobre o ensino de desenho, tratam de uma pesquisa de doutorado em andamento com oito docentes de um centro profissionalizante em artes visuais na cidade de Macapá-AP. As análises partem metodologicamente de pesquisa qualitativa do tipo etnográfico com entrevistas individuais e grupo focal somando uma diversidade de informações a partir de problematizações sobre processos de mediação pedagógica de professores-artistas em relação ao ensinar desenho e suas implicações no cotidiano de um contexto amazônico, ou seja, suas possíveis articulações com o meio sócio-cultural. Neste recorte a investigação tem como base teórica os estudos da educação da cultura visual sobre o ensino de arte, em especial, de desenho na educação profissional. Com resultados preliminares trago à tona uma síntese das técnicas instrutivas dadas entre os/as professores/as em torno do processo pedagógico do ensino de desenho: olhar, pensar e fazer como ações retroalimentadas; apresento ainda três competências detectadas entre os sujeitos colaboradores sobre o objeto, o entorno e o sujeito que desenha; e encerro as análises com uma breve explanação sobre um conceito caro neste estudo que é o desenho, conceituação desenvolvida como *desenho-chave* capaz de articular abordagens pedagógicas críticas, técnicas e inventivas.

**Palavras-chave:** ensino de desenho; educação profissional; professor-artista; Amazônia amapaense.

### Abstract

The reflections that I propose with this essay on the teaching of drawing, deal with a doctoral research in progress with eight professors of a professional center in visual arts in the city of Macapá-AP. The analyzes depart methodologically from qualitative research of the ethnographic type with individual interviews and focal group adding a diversity of information from problematizations about pedagogical mediation processes of teachers-artists in relation to teaching design and its implications in the daily life of an Amazonian context, that is, their possible articulations with the socio-cultural environment. In this section the research has as theoretical base the studies of the education of the visual culture on the teaching of art, in particular, of drawing in the professional education. With preliminary results I bring to light a synthesis of the instructive techniques given among teachers around the pedagogical process of teaching drawing: look, think and do as feedback actions; I present also three competences detected between the collaborating subjects on the object, the environment and the subject who draws; and close the analyzes with a brief explanation about an expensive concept in this study that is the drawing, conceptualization developed as a key design capable of articulating critical, technical and inventive pedagogical approaches.

**Keywords:** teaching of drawing; professional education; teacher-artist; Amazônia amapaense

## Apresentação

Este estudo propõe algumas reflexões sobre o ensino do desenho a partir da perspectiva de professores-artistas que atuam na educação profissional no contexto da Amazônia amapaense. O texto apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado vinculada à linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG).

Este recorte examina o espaço que o ensino do desenho ocupa em relação às visualidades amazônicas no atual cenário do ensino profissional e tecnológico. Discute ‘se’ e ‘como’ as práticas do desenho dialogam com os saberes e o cotidiano locais, e analisa as relações de ensino e aprendizagem do desenho na educação profissional visando a formação para o setor produtivo e tecnológico.

Os seguintes tópicos ganham ênfase na discussão sobre os modos de ensinar desenho: 1) concepções de autoria na relação saber-fazer de professores-artistas no processo de ensino de desenho; 2) interfaces entre experiência estética e cotidiano no ‘fazer’ desenho, e 3) conflitos pedagógicos entre a crítica cultural dos colaboradores e as visualidades escolares/institucionais que os alunos trazem como noções de desenho.

Os referenciais teóricos estão fundamentados nos princípios da educação da cultura visual em diálogo com autores como Tourinho e Martins (2011), Aguirre (2009, 2011) e Hernández (2011), dentre outros. A cultura visual é tratada em relação a educação em arte como uma fonte de recursos pedagógicos, uma “caixa de ferramentas”. Suas várias articulações e abordagens interpretativas auxiliam na produção e compreensão da arte e de artefatos visuais, seus processos e percepções estético-políticas.

Como campo de estudo transdisciplinar, a cultura visual, além do interesse de pesquisa pela produção artística do passado, concentra atenção especial nos fenômenos visuais que estão acontecendo hoje, no uso social, afetivo e político ideológico das imagens e nas práticas culturais que emergem do uso dessas imagens (TOURINHO; MARTINS, 2011, p. 53).

A revisão da literatura, ao colocar em perspectiva o desenho como processo de mediação, parte de uma abordagem que extrapola a arte, a escola e sala de aula permeando os campos da cultura visual e abrangendo práticas da vida cotidiana (ALVES, 2003, 2015). Aspectos de experiências e influências locais, reflexões e problematizações sobre o cotidiano colocam em perspectiva configurações de espaço-tempo dos ‘praticantes e pensantes’ (ALVES, 2003, 2015). As escolhas didáticas são tratadas como táticas e estratégias de atuação no cotidiano (CERTEAU, 2009) mantendo em perspectiva a experiência estética (DEWEY, 2010).

Para Alves (2003; 2015), a pesquisa sobre os cotidianos escolares ganha uma dinâmica diferenciada que a autora denomina “movimentos”. Procuo compreender esses

“movimentos” no fluxo do cotidiano institucional como um contínuo de acontecimentos a partir de múltiplos sentidos.

Adentro o problema do ensino abordando duas frentes reivindicadas pela educação da cultura visual. A primeira, orientada por uma pedagogia da indagação em relação ao que é ou está naturalizado (HERNÁNDEZ, 2011), e a segunda, tratando a experiência estética como oportunidade pessoal de aprendizagem e abertura ao fluxo da vida (DEWEY, 2010; AGUIRRE, 2011).

A abordagem metodológica, de caráter etnográfico, teve a participação de oito professores/as-artistas que atuam no ensino de desenho, produzem arte e são reconhecidos como artistas. A pesquisa de campo foi feita no Centro de Educação Profissional em Artes Visuais Candido Portinari, em Macapá-AP, e a produção de dados foi realizada através de entrevistas individuais e de grupo focal. Nas entrevistas individuais os sujeitos colaboradores manifestaram ideias, conceitos e pontos de vista distintos advindos da prática do ensino de desenho. Esses elementos subsidiaram as discussões realizadas posteriormente no grupo focal.

Adentrando a análise pude observar que o processo de mediação pedagógica envolvendo a prática do desenho teve como foco ações combinadas entre olhar, pensar e fazer. Essas ações foram elaboradas a partir de objetivos compartilhados privilegiando técnica e crítica, estimulando uma compreensão rizomática sobre o desenho e as visões pessoais de cada aprendente.

## 1. Refletindo sobre aspectos do Processo pedagógico: *olhar, pensar e fazer*

Examinando os modos de ensinar dos colaboradores, pude deduzir que o processo de mediação pedagógica sintetiza a prática de desenho envolvendo os processos de entre olhar, pensar e fazer. As ações instrucionais, combinadas, são constituídas através da prática, de concepções e maneiras de realizar o desenho de cada docente.

### 1.1 Um olhar em busca de discernimento!

Na dimensão da produção visual é inegável que o olhar ocupa um lugar imprescindível na aprendizagem do desenho. Porém, os participantes esclarecem que o olhar em sua função fisiológica não é suficiente para a aprendizagem na produção de imagens. Para *Gravador*<sup>1</sup> é necessário ao aluno “encontrar o olhar” capaz de discernir os “vícios do ver” (*Gravador*, entrevista grupo focal 01/02/2018). A preocupação destacada entre alguns docentes é fazer do olhar do aluno uma observação apurada que diferencie e distinga os ‘vícios’, ou seja, modos estereotipados de ver objetos e o mundo.

1 Os sujeitos colaboradores receberam outra identificação para que fosse preservado suas identidades civis. Os nomes *Gravador, Editor, Tradutor, Arte-finalista, Analista, Expositor, Projetista e Roteirista* fazem relação com funções de equipes de produção entre ensino, arte e pesquisa.



Fernando Hernández (2011, p. 33), ao problematizar a noção de olhar no contexto complexo da aprendizagem em arte enfatiza “o sentido cultural de todo olhar ao mesmo tempo em que subjetiva a operação cultural do olhar”. A afirmação de Hernández deixa evidente que todo olhar e o que olhamos, “está impregnado de marcas culturais e biográficas”. Nesse sentido a aprendizagem funciona como interface que oferece a possibilidade não somente de falar do que está fora de nós, mas, também, das coisas que nos traspassam, nossas impressões em determinado tempo e lugar.

Encontrar ‘o olhar’ – expressão recorrente entre os participantes da pesquisa – ganha evidência como um dos primeiros passos de uma ação desenhante capaz de apreender a técnica para transformá-la ou reformulá-la à maneira pessoal de cada aluno. Essa perspectiva de ensino me faz pensar se seria possível desenvolver a aprendizagem poética a partir da pesquisa visual do aluno.

## 1.2 Um pensar desenhante...

A atenção pedagógica inicial que os professores colaboradores dedicam no ensino de desenho busca uma estreita articulação com a capacidade visual dos alunos. É possível identificar nas formas de apreender e utilizar a técnica, peculiaridades no modo de olhar/observar dos alunos em busca de uma maneira pessoal de fazer o desenho. A técnica, de maneira geral, é apresentada aos alunos a partir de questionamentos. Tais questionamentos são uma maneira de instigar a percepção pessoal, ou seja, de desenvolver a apreensão dos sentidos visuais para além dos ‘vícios do ver’ motivando o aluno a pensar o desenho não como uma reprodução do objeto/imagem, mas como uma construção pessoal. Esses ‘vícios’ do olhar são apreendidos socialmente e ocupam boa parte da bagagem de imagens e repertórios que os alunos trazem.

O docente *Gravador* demonstra em sua fala como levantar algumas questões que desperte a curiosidade dos alunos na prática de desenho, a partir da ação instrucional de ‘pensar’:

*Então, aquela de ‘desenhar essa maçã!’ Não funciona! Ou não funciona muito bem! – Vá lá fora e mostre o que você tá vendo! Aí entra o professor: ‘olhe isso dessa maneira, olhe isso daquela maneira, veja assim. Que tal, você fazer desse jeito? Que tal você olhar o que tem por trás e não o que tem pela frente? Imaginar... Então, funciona. É muito difícil eu colocar uma maçã na frente do aluno e dizer o que tem atrás da maçã. Atrás da maçã não tem nada. Uma parede. Não tem nada. Mas, lá fora não. Aqui fora o mundo é grande... (Gravador, entrevista individual realizada em 25/03/2017).*

Nota-se o reconhecido investimento do *Gravador* nas capacidades do ver, porém, acompanhadas de um levantamento de questões para estimular as reflexões sobre o que é visto, percebido para além das aparências.

Como ressalta Hernández (2011, p. 34) os meios tecnológicos, tão presentes em nosso tempo, são capazes de afetar os modos de ‘ver’ a nós mesmos e o mundo, pois “não vemos o que queremos ver, mas sim aquilo que nos fazem ver”. O autor se refere ao olhar disciplinado que tem a pretensão de normalizar e regular não somente o olhar, mas, também, quem olha. Os meios tecnológicos e sua acessibilidade podem servir como dispositivos de formação, mas também de conformação ideológica. Nesse sentido, o objetivo da cultura visual é propor deslocamentos do olhar e do lugar de quem vê explorando outros focos.

O deslocamento de foco, conforme sugere Hernández (2011), busca desalinhar, romper perspectivas fixas e fechadas de interpretação sobre arte e cultura. É uma alternativa pedagógica para educar visualmente sujeitos capazes de abordar criticamente as narrativas com as quais se deparam cotidianamente ao fazer arte.

### 1.3 Fazendo desenho...

O ‘fazer’ talvez seja a mais íntima ideia que se tem de múltiplas e fragmentadas ideias sobre arte, uma tentativa de compreender a ação da feitura mesmo quando ela não é considerada um fim em si mesma. Ainda assim, parece necessário analisar fragmentos/resquícios das ideias de arte como modalidade técnica compreendendo-os como construção ou habilidade de transformar ou criar coisas. De acordo com o sujeito colaborador *Editor*, **“a técnica é a transformação do olhar para o desenho”** (entrevista grupo focal 01/02/2018). Ao fazer essa afirmação, o colaborador reconhece uma ação educativa no ‘fazer’ como uma maneira de interferir visualmente no material através do desenho. Pela ação do desenho, o ‘olhar’ ao incorporar a técnica torna-se um ‘olhar pensante’.

Dewey (2010) propõe a experiência estética como um momento perceptível que a prática artística proporciona, porém, sem abrir mão do pensamento reflexivo. Os princípios educativos estabelecidos por Dewey, aliados à educação da cultura visual, nos permitem criar relações com os acontecimentos da vida.

A experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos (DEWEY, 2010, p. 83).

Fundamentado nas noções de Dewey, busco compreender como o desenho estabelece relações com o cotidiano e suas práticas. Acompanho os conceitos de Dewey (2010, p. 138) ao afirmar que “não é possível separar entre si, em uma experiência vital, o prático, o intelectual e o afetivo, e jogar as propriedades de um contra as características dos outros”, isto é, esses aspectos estão interligados indistintamente e sem hierarquia.

O interesse pela experiência estética me reporta às atuais abordagens de ensino da arte nas quais as dimensões educativas são consideradas aspectos vitais para a aprendizagem e o pensamento intelectual ou lógico torna-se pertinente aos fazeres e às percepções sensíveis. A experiência pessoal, como trajetória dos indivíduos, sua influência nas relações interpessoais e o meio cultural/ambiental são fatores considerados importantes na construção de uma educação crítica e emancipadora. Ainda de acordo com o relato do *Editor*

*...outra coisa interessante éh (...) de estimular a pesquisa né, fazer com que o aluno busque e consiga chegar numa autossuficiência para fazer pesquisa (...) alguns professores ainda adotam, mas, os alunos são muito resistentes a isso, que é aquele bloquinho de registro, não é o registro de sala, é o registro do fazer ...!*

Depois de receber o bloco de registros completo de um aluno, o docente faz a seguinte observação: “... **isso aqui que eu quero que vocês façam, vocês não vão imitar, isso aqui é de vocês, é uma coisa, uma pesquisa**”. Para os sujeitos entrevistados o ‘fazer’ é uma ação educativa que corresponde a um aspecto técnico apresentado aos alunos com o intuito de ajuda-lo a desenvolver o traço como uma compreensão pessoal, autoeducativa, através do desenho.

## 2. Principais competências: objeto, entorno e sujeito

Martins e Tourinho (2011, p. 57) nos ajudam a flexibilizar algumas questões com o intuito de evitar que ideias e conceitos se enrijeçam como se fossem modelos hegemônicos, tornando-se estereis para abordar as práticas artísticas na contemporaneidade. Os autores chamam atenção para o fato de que

O propósito da educação da cultura visual não é substituir conceitos, abordagens curriculares ou práticas do ensino de arte, mas inserir e incorporar no fazer artístico a discussão do lugar/espaço das imagens – qualquer imagem ou artefato artístico – e seu potencial educativo na experiência humana.

Sem querer postular uma técnica comum de ensino de desenho, os sujeitos colaboradores da pesquisa destacam três maneiras de compreender ou ensinar a prática do desenho: o objeto, o entorno e o sujeito.

### 2.1 Construindo/desenhando um objeto...

O objeto é configurado no ato de desenhar. Estou falando da construção gráfica necessária e mediada pelo ato de ensinar. O objeto concentra a habilidade técnica, conforme nos explica o *Expositor*, concentra o ‘ver’ como elemento formal configurando uma base eficaz para a ‘síntese’ do objeto a ser projetado, desenhado:



*... eu trabalho em sala de aula essa questão do ver que é... eu acho uma busca da essência..., daquilo que você tá querendo desenhar (...) Ah... esse olhar diferenciado é buscar realmente a essência, né, é simplificar o objeto que você está visualizando e desenhar a partir da simplificação. Então, esse olhar pra mim é um dos pontos principais, assim, na questão da educação para o desenho (Expositor, entrevista grupo focal realizada em 01/02/2018).*

A ‘essência’ almejada, de acordo com a fala do colaborador, funciona como uma espécie de prefiguração, uma imagem/estrutura mental que desencadeará o processo de construção do desenho. O *Editor* confirma, sustentado em sua experiência docente, que o olhar treinado é um dos princípios da ação desenhante para distinguir a forma do ‘objeto’.

*o olhar é primordial na sala de aula, o principal é fazer com que o aluno compreenda a forma, compreenda o mundo ao seu redor através do olhar, então esse olhar é primordial. Agora, pra ele executar, éh... marcar agora a questão da técnica, tem que ser aplicada a técnica, como é que ele vai transferir? (...) Na verdade são duas coisas que não dá pra gente separar: o olhar, o perceber, o entender a forma e o transferir para o papel, então, são duas coisas que estão totalmente ligadas, assim, no desenho (Editor, entrevista grupo focal 01/02/2018).*

‘Transferir’ é a ação de fazer o desenho utilizando a técnica. Não se trata de discutir a natureza ou a complexidade da técnica, sobretudo em relação a ação produtiva. O termo ‘transferir’ refere-se à tradução que o sujeito faz através de um olhar intencional na tentativa de trasladar o objeto, forma para uma composição visual. Dizendo de outra maneira, a técnica é uma espécie de trilha, um caminho por onde o visual, o intelectual e o manual se associam para desenvolver, construir o desenho. Olhar, técnica e movimento, ou ação, se confundem ou hibridizam em estreita ligação completando-se mutuamente.

## 2.2 Como o entorno influencia o objeto...

O ‘objeto’ a ser ou sendo desenhado é, ao mesmo tempo, uma representação e expansão do contexto a sua volta. Como explicita o sujeito *Editor*, o ensino de desenho deve ser tratado como uma expansão da sala de aula para “o mundo”, lugar onde o ‘objeto’ está inserido. Nesse sentido o contexto passa a ser tão importante quanto o objeto.

O sujeito colaborador nomeado como *Tradutor*, reforça essa maneira de abordar a prática pedagógica do desenho como uma maneira de conduzir uma “reeducação no modo de ver” explorando buscando conexões entre o olhar do sujeito que desenha e o ambiente ao seu redor. Essas conexões envolvem noções de espaço que funcionam como janelas que se abrem para fora, para o mundo.



*Então a gente vai ter que se reeducar na forma de ver as coisas, um plano... eu sempre falo pra eles: 'olha, a gente faz a análise, faz a tua comparação do que tu estás vendo, faz ah... olha o objeto, que é o objeto principal e vê o entorno dele, aí você vai conseguir ver os planos que tem nele, as linhas imaginárias que a gente traça'... entende, observa tudo isso daí, então, eu acredito que essa é a forma de reeducar... a forma de ver acredito que ela tá valendo também. Aí, lógico que a gente vai puxando, nós temos essas janelas, aí eu puxo... "olha, olha pra fora, olha o cenário que a gente tem aí!" (Tradutor, entrevista grupo focal 01/02/2018).*

O sujeito colaborador complementa sua fala explicando que as relações do objeto não devem perder de vista o contexto sócio-histórico, ou seja, não devem ignorar os significados que compõem os seus cenários.

*... porque a gente tá vendo e isto aqui [ele pega uma tampa de garrafa PET] não é uma tampa, pode ser uma tampa ou poderá ser um outro objeto, dependendo do momento que você está... observando, a forma como você está observando, porque isso daqui pode tomar, de repente, outro significado. Então, eu acho essencial nessa questão, por exemplo, a gente colocar... na nossa prática pedagógica. (...) Essa prática de ensino também envolve a forma que o aluno vai ver aquilo, aquele objeto, só que ele não vai ver apenas... tratar como algo pronto e acabado.*

O Tradutor sugere que o ensino de desenho não visa uma avaliação do objeto em si sem uma articulação com o contexto. A feitura do desenho é uma construção e o trabalho educativo é um processo que de alguma maneira depende de situações pessoais e sociais para ser realizado.

Como ressalta Martins (2009, p. 35) a “experiência visual” é algo complexo que envolve o modo como as imagens estão situadas, como se relacionam e se apresentam em determinados contextos sociais ao produzir sentidos e ajudando-nos a ter uma compreensão do que chamamos cultura.

### 2.3 O sujeito desenhista

Voltado para o ‘si’, as questões da consciência... “o olhar crítico” sobre si mesmo, promovendo um estado de consciência, sensibilidade e responsabilidade. O olhar sobre o ‘eu’ como se colocar e se posicionar frente ao se vê e ao mundo.

Embora possa parecer natural, para o/a indivíduo que desenha o olhar é uma conquista! O olhar é uma maneira de explorar o campo visual para além do objeto tornando-se, assim, reflexivo. São muitas as contribuições da educação da cultura visual para uma aprendizagem crítica que tenha como foco o “deslocamento do olhar” e um “reposicionamento do sujeito” (HERNÁNDEZ, 2011).





A cultura visual não tem como foco somente objetos de arte, mas estratégias de ensino que pedagogicamente possibilitem a diversidade de aprendizagens. A experiência possibilita outros modos de ver capazes de mobilizar compreensões, de contribuir no sentido de educar “visualizadores críticos” que ao interpretar imagens também se vejam no mundo (HERNÁNDEZ, 2011, p. 38).

O enfoque construcionista na educação possibilita uma trama de problematizações ao construir relações entre conhecimento e experiência questionando o que sabemos, como sabemos e o que é válido saber. De acordo com essa perspectiva podemos dizer, em sintonia com Hernández, que o papel da arte na escola é subverter o “dever ser” das artes. Esse posicionamento sugere questões como: “o que é que vemos ou sentimos?” “o que uma imagem/objeto/artefato diz de nós?”, ou ainda, “o que tal coisa tem a ver conosco?”. No cruzamento de outras histórias com as nossas próprias é possível construir outras formas de diálogo que não nos excluam e nem nos deixe subordinados ao não saber.

Analisar visualidades pressupõe reconhecer que há um modo de olhar naturalizado das práticas culturais e que é necessário construir maneiras alternativas de pensar os fenômenos, as ideias, o ‘outro’, o mundo, contribuindo para criar outras modalidades de interpretação. Nesse sentido, a “deslocalização do olhar” e o “reposicionamento dos sujeitos” surge como uma proposta que considera a educação da cultura visual não como fim, mas, “como meio de reinventar-se como sujeitos críticos frente a sua realidade circundante” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 46-47).

### **3. A prática do desenho como chave para uma conceituação de ensino!**

Considero o desenho como uma chave, um dispositivo pedagógico-artístico que permite acessar caminhos por meio de rasuras e ranhuras, criando modos próprios, peculiares e específicos de saber e fazer, intensificando relações entre a dimensão pessoal e o âmbito cultural.

O desenho pode ser abordado como uma chave inventiva que se ajusta, conecta e abre... Ao utilizar esta metáfora penso na ação do chaveiro modelando contornos, abrindo fendas, limando arestas. Dentre os muitos canais, terminais e plataformas que nos cercam e acessamos cotidianamente, a senha é uma espécie de código de acesso que nos mantém conectados, que nos inclui como participantes e atores no mundo digital. Por esta razão, no contexto deste artigo, a metáfora da chave se contrapõe à ideia de fechar, impedir. Ao contrário, como *keyword* ou como senha, é ideia que aciona, que faz abrir ideias e conceitos para o mundo... Assim, o *desenho-chave* pode ser considerado uma extensão do sujeito possibilitando que os seus saberes e fazeres alcancem espaços, sentidos e significados a partir de um tempo interior, rompendo visões limitantes e paradoxais que impedem a construção de uma visão crítica sobre si mesmo e sobre o mundo.



O desenho, como chave ou como senha, pode ser tratado como a construção de um processo pessoal de aprendizagem que privilegia a indagação pedagógica, que subverte o olhar idiossincrático colocando-o em sintonia com a subjetividade do indivíduo, abrindo espaço para outras realidades, para a imaginar e criar outros mundos.

Considerando que envolve escolhas pessoais, gestos e atitudes seria possível considerar o desenho e sua mediação pedagógica como um acesso a consciência e ao autoconhecimento? Como o desenho pode abrir ou fechar espaços e visões de mundo a partir de práticas do cotidiano? Como dispositivo educativo o desenho possibilita o acesso a questões do eu, a aspectos da subjetividade que remetem a narrativas pessoais. Confronta os sujeitos aprendizes com episódios e momentos da sua própria trajetória rememorando situações marcantes, por vezes satisfatórias, mas, também, experiências inconvenientes e decepcionantes. Podemos dizer que a mesma chave pode acessar narrativas gratificantes e aprendizagens prazerosas, mas, pode também, revelar histórias e vivências desconfortáveis que merecem ser esquecidas.

### Considerações finais

Resultados preliminares da pesquisa evidenciam, a partir de uma análise inicial das falas dos sujeitos e das discussões do grupo focal, uma preocupação e implicações pedagógicas que envolvem o ‘pensar’, o ‘olhar’ e o ‘fazer’. Um pensar crítico que estimula a habilidade técnica a associar-se a um olhar de ressignificação de coisas e técnicas aprendidas. A socialização das composições visuais e suas tecnologias são problematizadas como produções de conhecimento nos ambientes escolares no contexto amazônico. O desenho, mais do que um produto ou resultado visual, apresenta-se como dispositivo que pode potencializar aprendizagens individuais e contribuir para ressignificações culturais que emergem do e dialogam com o cotidiano. Funciona como chave de ignição, como elemento propulsor para ensinar, fazer e inventar as técnicas do desenho como tecnologias que acompanham as dinâmicas culturais da região em processos contínuos e descontínuos de desenvolvimento.

### Referências

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, ago. 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, Alexandra. OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs). **Nilda Alves: praticantespensantes de cotidianos**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2015.

AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, Política da Estética e Educação Emancipadora. In: MARTINS, R. e TOURINHO, I. (Orgs.) **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 69-111.



DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HERNANDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I (Ed.), **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011, p. 31-49.

MARTINS, Raimundo. Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. **VIS- Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UNB**. Brasília. V. 8, n. 1, jan./jun. 2009, p. 33-39.

TOURINHO, Irene. MARTINS, Raimundo. Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene. (orgs). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**, Santa Maria, Editora UFSM, 2011.

## Minicurrículo

### Ronne Franklim Dias

Doutorando em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás-UFG. Licenciado em Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. Professor de Artes Visuais do Instituto Federal do Amapá-IFAP (BRA). Atua na linha de pesquisa em ensino de desenho e educação da cultura visual.